

Entre “membranças”, goles e sonhos: tateando fissuras destes tempos

Bruno Cerqueira Gama¹
Edileuza Santos do Nascimento Cruz²
Universidade Federal de Sergipe

Resumo: A partir de rupturas que a pandemia de Covid-19 produziu em nosso cotidiano, este texto busca pensar a dimensão ético-política de olhar e transitar por trechos de fissuras da vida, pelos modos como produzimos questões e respostas para o que vivemos. Algumas imagens atravessadas pelo ser gente-aprendente-profissional na universidade se fizeram narrativas, trazendo “questões-nós” e tentativas de trânsitos por suas fissuras. Ensaiai respostas que sustentem vivas as questões se mostram como condição fundamental para a manutenção do caráter inventivo da vida, face ao imperativo utilitarista-produtivista-consumista vigente.

Palavras-chave: pandemia; fissuras; questões; utilitarismo; universidade.

1 Professor adjunto do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Sergipe (UFS) e do Programa de pós-graduação *latu sensu* em Saúde Mental da Residência Integrada Multiprofissional em Saúde da UFS. Integra o grupo de pesquisa “Coletivo de Estudos da Subjetividade e Políticas para a vida” (UFS/CNPq).

2 Graduada em Psicologia (2013) pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), mestre (2020) pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFS na Linha Processos de Subjetivação e Política. Desde 2014, atua como psicóloga efetiva no campo da assistência estudantil da UFS. Integra o Grupo de Estudo e Pesquisa sobre Exclusão, Cidadania e Direitos Humanos (GEPEC/UFS).

Between “remembrances”, sips and dreams: groping fissures of these times

Abstract: From the ruptures that the Covid-19 pandemic produced in our daily lives, this text seeks to think about the ethical-political dimension of looking and transiting for stretches of life’s fissures, through the ways in which we produce questions and answers to what we live. Some images traversed by being people-learner-professionals at the university became narratives, bringing central questions to us and attempts to transit through their fissures. Rehearsing answers that keep the questions alive seems to us a fundamental condition of maintaining the inventive character of life, given the current utilitarian-productivist-consumerist imperative.

Keywords: pandemic; fissures; questions; utilitarianism; university.

Entre “recuerdos”, sorbos y sueños: fisuras a tientas de estos tiempos

Resumen: A partir de las rupturas que la pandemia de la Covid-19 ha producido produjo en nuestro cotidiano, este ensayo busca pensar la dimensión ético-política de mirar y transitar por partes de fisuras de la vida, por los modos en que producimos cuestiones y respuestas a lo que nos vivir. Algunas imágenes atravesadas por ser personas-aprendices-profesionales en la Universidad se convirtieron en narrativas, trayendo preguntas centrales e intentos de transitar por sus fisuras. Ensayar respuestas que sustenten vivas las preguntas es una condición fundamental para que el carácter inventivo de la vida se mantenga, dado el imperativo utilitarista-productivista-consumista actual.

Palabras clave: pandemia; fisuras; cuestiones; utilitarismo; universidad.

Com a pandemia que nos assolou a partir de março de 2020, instalou-se uma ruptura no funcionamento da vida, com algum nível de quebra daquilo que parecia contínuo, habitual e imutável para uma significativa parcela de pessoas. Sentidos que pareciam plenos foram se esvaziando, rotinas foram mudadas, contatos presenciais cerceados, riscos de adoecimento e morte a todo tempo rondando. O acontecimento pandêmico nos lançou numa alteridade radical, produzindo quebras, rupturas: caímos numa fissura desconhecida para a grande maioria de nós. Sob o risco de nela sermos tragados, garantir a preservação/continuidade da vida se tornou a questão mais urgente.

Intentamos uma vida pelas telas, com o acionamento de toda sorte de crendenciais, talvez, com a função de suavizar o assombro do que estava nos acontecendo e, ao mesmo tempo, que desse a sensação de continuidade das coisas e de suposta soberania de uma vida *logada*³. Essa é a condição continuamente produzida por um certo *logos*, formas de entendimento e de produção da vida que funciona através do fornecimento de dados de inserção numa realidade. São razões, lógicas *a priori*, peneiras de verdade com malhas seletivas, que nos dão a entender certas “interfaces” de vida, supostamente, íntegras e plenas de sentido. São as ditas razões, supostas causas primeiras das coisas, que almejam explicá-las, dar respostas e apontar direções para onde podemos e/ou devemos ir.

É assim que podemos pensar que, mesmo a despeito do macro-acontecimento *Covid-19*, houve uma sobrecodificação para a pandemia que a garantiu numa espécie de continuidade de mundo, e que promoveu horizontes *logados* de um velho “novo” normal. Ao mesmo tempo, entre o passado e o futuro dessa dimensão macro, uma dimensão micro é, continuamente, tensionada. Nessa dimensão, algo acontece. Algo preenhe de instauração de sentidos (aquilo que se sente), ao nos expor ao território de quebras e esgotamentos em que há muito estamos vivendo, principalmente, quando prestamos atenção ao nível de comprometimento das condições ambientais e de corrosão da experiência no contemporâneo. Ailton Krenak (2019, 2020) é taxativo a respeito das condições de fissura da vida produzidas pelas formas violentas de uso dela, que estariam nos levando aos limites de possibilidade de sustentação e continuidade da própria vida. Sua denúncia enfatiza o quanto o funcionamento produtivista-consumista nos alheia dessa dinâmica destrutiva em curso e a todo vapor.

Mas, mesmo sob a resistência em olhar e habitar um tempo/espço de fissuras, algo foi se densificando, tomando volume e se impondo em meio às suspeitas das falhas do *logos*, que foram aparecendo e expondo fragilidades nas/das condições em que vivemos nestes tempos. A capacidade de respirar ficou dependente do uso de aparelhos em casos graves de adoecimento por *Covid-19*; a possibilidade de ficar em casa expôs o nível de desigualdade de condições entre aqueles que poderiam ou não fazer essa escolha. E, para quem esteve em isolamento, foi possível perceber que os dispositivos de tela não são garantias da presença, do

³ Fazemos, aqui, uma dupla referência: 1) exercício da razão, a *logos*; 2) Condição característica da vida laminada pela “sociedade de controle”, a partir da inserção de uma senha (fazer o login), que marca o acesso à informação ou sua rejeição, conforme nos aponta Deleuze (1992).

encontro, do cheiro e do toque, da idealizada continuidade, consistência e inteireza das coisas.

A jornalista Elaine Brum (2020) nos deu importantes pistas sobre essa situação na frase “se há office, não há home”, sinalizando como a invasão da dimensão do trabalho na nossa vida, 24 horas por dia e 07 dias por semana, pode levar à falência das nossas casas como um território existencial, cujas bordas ensejam possibilidades de descanso, refúgio e intimidade. Essa lógica 24/7 também é apontada por Crary (2016), ao apresentar uma modulação recente do capitalismo que coloniza a nossa experiência do sono, através das tecnologias digitais que almejam a captura e condução da nossa atenção. Isso ocorre pela constante tentativa de nos manter conectados numa “ocupação relativamente ininterrupta com telas iluminadas de diversos tipos, que exigem constante interesse ou resposta.” (CRARY, 2016: 85).

Tal funcionamento tem impactado significativamente nossa disposição em tecer outros modos de vida não redutíveis ao produtivismo-consumismo *logado*. Diante da ocupação contínua, chega a parecer utópico pensar em interrupções nessa condição ou mesmo em trânsitos por ela que se configurem como possibilidades de alimentar outros tipos de projetos, ou linhas de pensamento não tomados por essa economia da atenção, apontada por Crary (2016) como componente fundamental de um mundo que se dirige para a extinção.

Diante desse cenário, para além de duelar numa dicotomização entre a vida pelas telas *logadas* e a vida para além delas, pelo nó do presente, podemos pensar as fissuras que vão se mostrando entre essas vidas, entendendo-as como imanentemente abertas em meio às violentas formas produtivistas-destrutivistas da e na vida.

A partir de quebras que a pandemia tem mostrado e de uma perspectiva esquizoanalítica, este texto busca pensar a função ético-política de olhar e transitar por trechos de fissuras de vida destes tempos, pelos modos como produzimos questões e respostas para o que vivemos. Ou seja, trata-se aqui de tatear algumas pistas e/ou formas como nos posicionamos ética e politicamente em relação às experiências de quebras e fissuras em que estamos imersos ou entramos em contato, através de situações vividas durante a pandemia da *Covid-19*. Isso aponta para a tentativa de produção de outros modos de relação com as fissuras, com o tempo e com a vida de que elas falam, que não se bastem em um funcionamento “produtivisticamente” *logado*.

Avistando fissuras

Se entendemos a situação de pandemia como quebra é porque ela evidenciou a rachadura do argumento que pretende explicar, ou a falta dele, e a dificuldade em encontrarmos respostas e saídas plausíveis, imediatas e globais para questões que nos foram aparecendo. Tais questões estiveram girando desde a preservação da vida e da sanidade mental até a garantia de realização das rotinas domésticas e de trabalho, que assegurassem o sustento material. Com isso, deparamo-nos com *bugs*⁴ na condição *logada*, através das condições de vida de que dispomos, das atividades que realizamos, das formas como pensamos.

⁴ Jargão da informática que remete às falhas e/ou erros que ocorrem na execução de algum *software* ou ao usar um *hardware*, e que impede o funcionamento pretendido de alguma tecnologia. O uso da palavra “*bug*”, que literalmente significa “inseto”, segundo Stivani (2019), remete a um erro ocorrido em 1947 no computador Mark II, operado pela Marinha Norte-americana e que se deu devido a uma mariposa presa entre os fios, causando uma falha no funcionamento do mesmo.

A situação do ensino na Universidade Federal de Sergipe (UFS) que emergiu na pandemia é emblemática nesse sentido. Em março de 2022, aproximadamente, há dois meses do início do segundo semestre letivo referente ao ano de 2021, experimentamos três formatos de ensino, que tentaram racionalizar as relações de ensino-aprendizagem no contexto pandêmico. Foram estas: totalmente remoto (TR), totalmente presencial (TP) e combinação entre presencial e remoto (CPR), todas passíveis de alterações ao longo do semestre, de acordo com os protocolos de biossegurança da própria UFS (2021). Num semestre letivo, que se iniciou em descompasso com o tempo cronológico e com a promessa de retorno ao ensino presencial, experienciou-se uma confusão generalizada sobre qual o melhor formato para aquele momento da pandemia.

Cada um desses formatos produziu efeitos específicos no encaminhamento dos processos decisórios nas instâncias departamentais e nas escolhas individuais dos professores, tudo amparado sob o lastro da autonomia departamental e da liberdade de cátedra. Também impactou diretamente nas formas de acesso às aulas: tornou-se comum nos depararmos com alunos que iam para a universidade assistir a uma aula com metade dos seus colegas de classe (CPR) e, na disciplina seguinte, precisavam buscar uma conexão de internet minimamente estável para acompanhar a aula seguinte, de forma síncrona com a turma inteira (TR). Essa é uma condição que, facilmente, promove uma sinonímia entre educar-se e acessar informação, inflar-se de conteúdo e apresentar produtividade em termos de notas, questão que há muito se faz presente na seara do ensino-aprendizagem, e que, remete às próprias formas de como damos respostas para as questões-nós, expostas pelas quebras desse momento na universidade.

Esses nós parecem de um tipo que não se fecha em si, pois se faz com diferentes fios de vida, que existem antes, durante e depois da pandemia, certamente, modificados pela passagem nas/das fissuras por ela produzidas. Através dessa experiência de estar na universidade na pandemia, para nós, o nó se mostra ponto de passagem, de encontro e, quem sabe, de dispersão de fios de fazeres profissionais, de um ser-estar aprendente, de um ser-estar gente num tempo-espaço virulento. O nó é o lugar em que nos vemos quando caímos nas fissuras de práticas e fazeres *logados* e, nelas espreitamos, com atração e desassossego, contatos com a Esquizoanálise, pelas ideias de Deleuze e Guatarri (dEg), acessados em estranha teimosia.

As ideias de dEg nos parecem escorregadias, escorrendo pelas mãos a cada vez que tentamos prendê-las, nas tentativas de fazê-las caber na com-preensão. A suspeita é que as mesmas não cabem por se fazerem um pensamento vivo, acionado pelos modos como fazemos, viabilizando inquietações e possíveis quebras na suposta inteireza das coisas. Isso traz possibilidades de deslocamentos e de tentativas de trânsito pelas fissuras, como as que na universidade avistamos, de um tal modo, que algo acontece, mesmo antes de percebermos e de nomearmos o que exatamente.

Assim, tratamos de modos de olhar e falar sobre o que vivemos e como vivemos; sobre o que acontece, como nos acontece (LARROSA, 2002, 2014); tratamos de experiências do cotidiano em que estamos produzindo e sendo produzidos. Lembramo-nos de Walter Benjamin (1987a, 1987b), nesse experienciar as coisas, transitar pelas vivências, não necessariamente de forma intencional ou programada. Benjamin nos leva a suspeitar que há algo desses encontros que parece exceder a dimensão puramente voluntária, em relação à sua produção e reverberações, ainda que haja uma certa deliberação/intenção nas tentativas de pôr isso em narração.

Como em nenhum outro texto [Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo], Benjamin define o que é a experiência (Erfahrung): “Na verdade, experiência é matéria da tradição, tanto na vida privada quanto na coletiva. Forma-se menos com dados isolados e rigorosamente fixados na memória, do que com dados acumulados, e com frequência inconscientes, que afluem à memória” (BENJAMIN, 1994: 103). De esguelha, acaba por definir a própria estrutura de uma vivência (Erlebnis): ela se forma com “dados isolados” que são “rigorosamente fixados na memória” (BENJAMIN, 1994: 105). (LIMA, BAPTISTA, 2013: 25)

Experiência e vivência se entrecruzam enquanto matéria-prima e produção da vida e do pensamento. São terrenos onde parecem tomar corpo as espreitas com dEg. Há aí um entrelaçamento de tempos, que evoca a imagem de um sonho vivido na companhia de parceiros dos processos de formação, no qual, numa conversa, num ambiente de sala de aula sem aula, com cadeiras sem filas, emerge a seguinte fala: “há temporalidades múltiplas naquilo que vivemos”. A fala que ganha relevo, destacando-se do seu “antes” e “depois” temporal, atualizando vários fios de vida nos nós do agora, borrando as pretensas fronteiras de um tempo que se quer espacializado em um passado, presente e futuro, entre aquilo que é nosso, mas também do(s) outro(s).

Seguindo na companhia de dEg, atravessando as temporalidades múltiplas das experiências tecidas na universidade, colocamos em questão o pretenso hermetismo da condição *logada*, em meio às “promiscuidades” e aos “fantasmas”, que não são só nossos, mas que são destes tempos e da vida, que se faz na e para além da “Zona hermética” rabiscada por Manoel de Barros (2010: 82):

*De repente, intrometem-se uns nacos de sonhos;
Uma lembrança de mil novecentos e onze;
Um rosto de moça cuspid no capim de borco;
Um cheiro de magnólias secas.
O poeta procura compor esse inconsútil jorro;
Arrumá-lo num poema; e o faz.
E ao cabo Reluz com a sua obra.
Que aconteceu? Isto: O homem não se desvendou, nem foi
atingido: Na zona onde repousa em limos
Aquele rosto cuspid e aquele
Seco perfume de magnólias,
Fez-se um silêncio branco... E, aquele
Que não morou nunca em seus próprios abismos
Nem andou em promiscuidade com os seus fantasmas
Não foi marcado.
Não será marcado.
Nunca será exposto
Às fraquezas, ao desalento, ao amor, ao
poema.*

Em meio a “lembranças” e “intromissões de nacos de sonhos”, dispondo não mais do que fragmentos recolhidos, podemos avistar mais uma fissura numa imagem do fazer da psicologia na universidade sendo interpelado a dar respostas para as questões que ganham visibilidade nestes momentos. Abre-se, ou se atualiza, essa zona de exposição quando alguém, naquele contexto descrito de UFS, pergunta, quase que suplicando: “O que eu posso fazer para ser mais produtiva nestas condições de pandemia e atividades remotas?”. Nesse instante, os fios do nó gente-aprendente-profissional se retorcem, são puxados. Quem ouve, com cuidado, para por alguns instantes. Segundos, talvez. Alguns poucos segundos que se multiplicam até agora. Quem, naquele momento, ousaria dizer que não foi atingido? Quem, naquele momento, estaria disposto a levar a questão ao limite?

A pergunta veio em meio a um encontro pelas telas com um grupo de residentes universitárias da graduação⁵ do Programa Residência Universitária (PRU) da UFS, decorrido cerca de 01 ano do estado pandêmico, tempo no qual teve início a realização do semestre letivo de forma remota. O pedido veio após longas e diferentes falas que diziam da “falta de jeito” para lidar com isolamentos, mortes diversas, medos e a conciliação de uma rotina de atividades acadêmicas remotas extenuantes. A falta de jeito era trazida como autoacusação de falha, insuficiência; deveria haver algo para dar conta disso e recolocar as coisas nos eixos. Mas, que eixos?

Transitar nesse campo do PRU é, por si, fazer contato com eixos e temporalidades múltiplas das vivências daquelas e daqueles que se encontram para partilhar um tempo-espço que lhes permita estar na universidade, para além das distâncias geográficas e das precariedades que trazem na mala. Costumam compartilhar, em maior ou menor grau, a insuficiência de recursos financeiros, mas, ainda assim, são muito singulares as histórias e as marcas dos caminhos que fizeram até chegar na universidade e no PRU. Tudo isso se atualiza e se multiplica infinitamente no encontro de cada um e com tantos outros e com tantas novas situações, inclusive com as instâncias institucionais de acompanhamento do programa, nas quais se insere o fazer psi. É nesse entrelaçamento que ganha voz o pedido para a suposta falta de jeito para o tempo em que vivemos. A voz segue se propagando, mantendo, em um nó vivaz, a questão.

E essa “membrança” invade; talvez, capture, sem necessariamente nos fazer presos. Ela convoca a impossibilidade de lhe ser indiferente entre seus apertos, afrouxamentos e deslizes. Esse nó, um “isso⁶”, faz-se não somente pela expectativa de uma resposta que invada a questão, posto que a condição *logada* poderia fazer uma rápida busca e oferecer algumas “dicas” ou até respostas pré-fabricadas. Poderia listar rapidamente alguma técnica, alguma atividade, um planejamento ou qualquer sorte de um mandar-fazer milagreiro. Poderia indicar também uma rápida busca na internet, na qual haveria uma lista imensa de dicas para “aliviar a ansiedade”, para “se concentrar” e “ser mais produtivo”. Nesse caso, nem seria preciso que a resposta para a questão viesse, necessariamente, de uma pessoa/profissional, muito menos da Psicologia; alguns cliques e uma tela já “ofereceriam jeito” para falta de jeito em lidar com estes tempos, ao fornecer uma resposta.

Dito dessa forma caricata, pode chegar até a soar grosseiro e, possivelmente, insensível, como se o sofrimento do outro não importasse, a ponto de se buscar remediá-lo com uma lista de dicas ou com uns cliques e uma tela. Pelo contrário, o sofrimento do outro muito importa, e é por importar tanto que a questão segue viva, pedindo resposta. Sustentar a questão, mesmo que sob espreita das respostas rápidas e/ou prévias, interpela-nos eticamente, pelos possíveis modos como nos posicionamos em relação a ela e à vida de que ela fala.

Para aqueles que se aventuram nos fios do fazer psi, é possível que uma feroz crítica se levante imediatamente contra esse tipo de pergunta-resposta, associando essa postura/abordagem de fazer prescrições a simplificações excessivamente utilitaristas. “Isso é coisa de coaching!”, dirão alguns inflados de vaidosa

⁵ Estudantes beneficiárias do Programa Residência Universitária (PRU), que se insere nos eixos de permanência no ensino superior do Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES), através da oferta e acompanhamento de moradia grupal. Os núcleos residenciais são compostos por grupos de até 08 pessoas, e são acompanhados pelas equipes de assistência estudantil de cada campus da universidade, através de profissionais da Psicologia, Pedagogia e Serviço Social. Na UFS, o PRU é regulamentado pela resolução 43/2013/CONSU/UFS.

⁶ Menção ao “Isso” presente no primeiro capítulo do *Anti-Édipo*, a saber: “Isso respira, isso aquece, isso come. Isso caga, isso fode” (DELEUZE e GUATARRI, 2010: 11).

postura crítica, como se algumas psicologias e seus praticantes estivessem muito longe disso. Não nos esqueçamos das condições *logadas* em que se dá a formação universitária, atuação profissional e a vida, de modo geral.

Esse terreno movediço nos faz lembrar da pobreza de experiência de que há muito já falava Benjamin (1987a), destacando que estamos abarrotados de informação, mas numa condição extremamente precária para narrar e produzir sentidos com o que nos acontece. Essa é uma marca que se arrasta da modernidade e parece seguir se esparramando entre nós, talvez, através de diferentes práticas que se proponham a dar jeito na falta de jeito com que nos deparamos na vida que temos. Sobre essa pobreza e as estratégias de a contornar, Benjamin (1987a: 117) diz:

A angustiante riqueza de idéias que se difundiu entre, ou melhor, sobre as pessoas, com a renovação da astrologia e da ioga, da Christian Science e da quiromancia, do vegetarianismo e da gnose, da escolástica e do espiritualismo, é o reverso dessa miséria. Porque não é uma renovação autêntica que está em jogo, e sim uma galvanização.

Para “galvanização”, podem ser encontradas as seguintes definições: na metalurgia, “processo de recobrir uma peça de metal, geralmente ferro ou aço, com uma camada de zinco, para evitar a corrosão atmosférica ou oxidação, zincagem”; num sentido figurado, “ato de suscitar adesão e/ou entusiasmo” (GALVANIZAÇÃO, 2021). Pensando a oferta de respostas *logadas* como uma operação galvanizadora contra as exposições a intempéries, o que costuma suscitar entusiasmada adesão, podemos perceber que elas até podem oferecer camadas de “proteção”, mas não parecem capazes de impedir a oxidação, a abertura de fissuras. Estas se mostram, justamente, ao mesmo tempo em que se faz a interpelação de como se ajustar a estes tempos.

Então, como encarar as fissuras sem sermos tragados por elas? Como manejar saberes e práticas que, de fato, se prestem ao cuidado e não à intensificação das mortificações da experiência em curso?

Tateando possibilidades de trânsitos pelas fissuras: notas sobre goladas...

Trânsitos delicados que se tramam no encadeamento das experiências de fissuras com a pandemia, com o estar na universidade e com os encontros com dEg, os quais nos convocam a tatear os próprios modos de seguimento da vida como uma experiência problematizante. Tornou-se muito difícil ficarmos indiferentes às questões-nós depois do encontro com elas. Elas acionam imagens da Resposta ao tempo⁷, quando este bate, zombeteiro, na porta da frente, chamando para uma conversa:

*Batidas na porta da frente
É o tempo
Eu bebo um pouquinho pra ter
Argumento
Mas fico sem jeito calado, ele ri
Ele zomba do quanto eu chorei
Porque sabe passar
E eu não sei
[...]
Recordo um amor que perdi
Ele ri*

⁷ Música composta por Cristóvão Bastos e Aldir Blanc (1998), popularizada na interpretação de Nana Caymmi.

*Diz que somos iguais
Se eu notei
Pois não sabe ficar
E eu também não sei*

Nesse campo de fissuras, um encontro com um tempo que pede resposta: Resposta ao tempo, com o tempo, na presença de uma história tecida com ele. O encontro acontece antes mesmo da porta se abrir: o som que reverbera através desta já anuncia quem chega, sem que haja espaço para que a indiferença se faça possibilidade. Não dá para ignorá-lo, e uma captura se faz em quem busca e bate à porta, e em quem escuta as batidas, já sabendo quem o faz. Ainda que t(r)emo-res façam vacilar, a vontade/necessidade do encontro se impõe. A saída imediata buscada? Beber um pouquinho para ter argumento! Um gole desce, abrindo a porta para a embriaguez antes mesmo dela ser aberta para o tempo, e vão se atualizando fios de vida tecidos na relação com ele, o zombeteiro. Deliberadamente, uma bebida é trazida para fazer parte do encontro, também o produzindo.

Em fala sobre o álcool, a filosofia e a literatura, Daniel Lins (2021), na esteira das ideias de Deleuze, diz-nos algo que parece óbvio, mas que não deixa de ser espantoso: o homem é o único animal que bebe sem ter sede. E isso fica, repetidamente, entornando a questão: para que bebemos? Na música “Resposta ao tempo”, há uma pista sobre a função que assume o beber nessa história: ter argumento para encarar o tempo, dando a entender que há algo que desafia no encontro por vir. Para Deleuze:

Beber, se drogar são atitudes bem sacrificiais. Oferece-se o corpo em sacrifício. Por quê? Porque há algo forte demais, que não se poderia suportar sem o álcool. A questão não é suportar o álcool, é, talvez, o que se acredita ver, sentir, pensar, e isso faz com que, para poder suportar, para poder controlar o que se acredita ver, sentir, pensar, se precise de uma ajuda: álcool, droga, etc. A fronteira é muito simples. Beber, se drogar, tudo isso parece tornar quase possível algo forte demais. (DELEUZE e PARNET, 2008: 7)

Nesse encontro com o tempo e suas fissuras constitutivas e constituintes, parece se instalar a suspeita de que há algo “forte demais” para ser suportado. E ficar “sem jeito” não parece ser possibilidade/disposição aceitável, como se a vida tivesse ensaio e não fosse vacilável. Aliás, “vacilo” já parece trazer o peso do erro, da falha, do que não era para ser, mas é; só é. Mas, uma falha também se mostra como abertura num espaço outrora tido como inteiro; a falha produz rupturas, pedaços, dispondo um espaço de modos outros, com outras possibilidades de trânsito.

Se na “Resposta ao tempo” a estratégia para o encarar é beber um pouco para ter argumento, aqui, suspeitamos que ficar somente nos argumentos não muito nos ajude, pois é justamente pelo apego demasiado a eles que sucumbimos. Ainda que à nossa revelia, há algum desassossego que emerge pelas fissuras das questões-nós, às quais os esperançosos argumentos *logados* intencionam responder. Ele nos espreita em meio às garrafas e pratos diários de argumentos ingeridos todos os dias, atravessando toda uma vida, a produção de uma certa realidade e do que somos. Entre acontecimentos e rupturas, gesta-se uma certa potência do desassossego, que nos coloca em disposições de tatear outros tipos de relação com a condição *logada*.

Talvez, alguma espécie de gole possa se fazer para ampliarmos a duração desse encontro com as questões e fissuras, antes de reproduzirmos argumentos. Se for para ser um gole, que seja para pausar os argumentos. Se for uma pausa,

que seja para perceber os largos goles diários de argumentos automatizados ingeridos. E aí a estratégia viabilizada pelo beber assume outras nuances entre aquela de conseguir suportar algo forte demais e a possibilidade de produzir outros sentidos para as questões e a suas fissuras, como que por uma certa “potência da embriaguez”, como nos sugere Daniel Lins (2021), ou ainda pela produção de “pausas tensas”, como no sugere Neves (2002)⁸.

Essa embriaguez, tal qual uma “pausa de mil compassos”⁹, é uma disposição que borra o pensamento representativo, a linearidade das coisas, as formas costumeiras de se olhar para elas, pois os afetos se misturam, produzindo uma “confusão”, que dissolve as formas pré-concebidas, as respostas prontas e mortais. Como diz Daniel Lins (2021), o tempo do alcoolatra¹⁰ é o do gole, do último copo, dá sustentação cambaleante, que o permite suportar o momento e seguir para o primeiro copo no dia seguinte. Há aí uma disposição em seguir com as coisas, mesmo sob a espreita de riscos.

Um gole, dois goles, três goles... golada. Entre a intensidade dos goles e as eufóricas histórias etílicas tão comuns nas tentativas de representar algo que se passa no tempo da embriaguez, a geografia, talvez, nos forneça pistas importantes para uma outra posição. Na Geografia, a golada também existe: é “canal de navegação, no extremo dos bancos de areia de uma barra, pelo qual podem passar pequenas embarcações” (GOLADA, 2021). É de pequenos trânsitos de que falamos: entre lugares, pedaços de vivências e fissuras, e não de permanecermos nas fissuras e nelas nos destruirmos.

Sob efeito da golada, seguimos com a questão de como dar jeito à falta de jeito em vivermos e sermos produtivos nestes tempos. Vemos, então, que o problema não reside tão somente em encontrar uma resposta para a questão: existem várias respostas para ela. Se não for posta daquela forma caricata (a que oferta saída por uns cliques e uma tela), mas sim floreada pela certeza de que há um concerto para a “falha” apontada, possivelmente, a pessoa que recebeu a resposta vai até agradecer, como se estivesse recebendo um analgésico de ação imediata para sua dor.

Resposta dada, questão sanada, questão morta, sem que pensemos nas condições que fazem daquela uma questão para nós. Uma questão só se faz questão em determinadas configurações de vida. Que configurações de vida são estas em que a necessidade de sermos produtivos se impõe como questão urgente, mesmo quando a própria vida está em risco?

Essa não é uma questão deslocada, assim como não são deslocadas e sem efeitos as respostas que podem vir para ela. A gravidade maior das repostas já apontadas ou de qualquer outra resposta reside nos efeitos que elas exercem sobre a questão, sobre a dimensão da questão, sobre o quanto essa diz de quem a faz, de quem a recebe, do momento em que vivemos, daquilo que temos nos tornado nas relações com as fissuras desta vida. Mas, na aceleração produtivista em que vivemos, o quanto suportamos um encontro no e com o tempo, para pensar nas condições em que se faz este tipo de questão e no que ela pode nos dizer?

A questão feita tem total inserção nestes tempos e, talvez, haja nela algo “forte demais para ser suportado” pelos nossos costumeiros estados de suposta sobriedade representativa e ou por nossos estados de aceleração hiperativa, que em

⁸ As pausas tensas podem ser definidas como pausas que se produzem em nossos movimentos cotidianos e que funcionam para reunirmos forças para novas proposições e outros modos de existência. São paradas que se configuram abertas e porosas às potências de virtualização (NEVES, 2002).

⁹ Em referência à música “Para ver as meninas” (VIOLA, 2000).

¹⁰ Quase sempre se mostra tentador moralizar a questão do álcool e ou cair nas malhas da dita “gorda saúde mental” (DELEUZE, 1997). Claro que podemos falar do beber como fuga, anestesia, dependência. E isso é muito comum. E, nesse sentido, é necessária prudência, para que não se cair na condição de “trapo”, quando o álcool impede o pensamento de pensar, de produzir vida, conforme nos alerta Deleuze em diferentes trechos do Abecedário (DELEUZE e PARNET, 2008).

nada se aguenta pousar com mais demora. O mais “óbvio” é que a questão enseje uma resposta rápida, senão definitiva, pelo menos, “galvanizadora”, que afaste a suspeita de corrosões e novas fissuras. E a resposta costuma vir ligeira, cheia de argumentos, supostamente, isenta de fantasmas e fraquezas, ensimesmada e, aparentemente, sem ex-posição. E, assim, o fazer psi “reluz com sua obra”, como diz Manoel de Barros sobre o poeta, que tenta arrumar “reminiscências e nacos de sonhos” num poema. Mas, assim também, o falatório da resposta nos joga num tipo de silêncio de quem falou tudo o que tinha para ser falado e de quem escutou tudo que “queria”, supostamente, escutar e a quem só resta executar as dicas dadas.

Tal silêncio pode nos remeter à categoria de ruído branco, uma espécie de sinal sonoro que contém todas as frequências na mesma potência, fazendo com que o limiar auditivo atinja seu nível máximo. Na presença desse tipo de som, os estímulos auditivos mais intensos têm menor capacidade de incitar a atividade do sujeito. O ruído branco serve para disfarçar ou abafar outros sons do ambiente, posto que forma uma espécie de “parede de energia sonora”, dificultando que sons cuja frequência variam de intensidade nos estimulem.¹¹ De forma parecida, as respostas prontas podem levar ao bloqueio dos “ruídos”, pelos quais a questão se produz como questão, afastando-nos do contato com esta. É assim que a resposta se torna a desgraça da questão, como bem nos lembra Blanchot (2010).

Pela pressa e fixação na condição *logada*, a pergunta pode ser logo rechaçada, pois ela parece emergir justamente de uma lógica perversa, calcada no produtivismo, motivação, empreendedorismo de si, sucesso, etc. Parar para ouvi-la pode soar como adesão a tal lógica. Não deixa de ser perverso fazer isso, dissipá-la rapidamente, sem lhe dar tempo e espaço, desqualificá-la, matando-a sem ensaiar respostas. Não falamos de respostas que respondam, mas de respostas que façam a questão se abrir, para além do bloco pronto como ela se apresenta. Diz Blanchot:

A questão espera a resposta, mas a resposta não apazigua a questão e, embora ela encerre, não termina com a espera que é a questão da questão. Questão, resposta, encontramos entre esses dois termos o confronto de uma relação estranha, na medida em que, na resposta, a questão clama pelo que lhe é estranho e, ao mesmo tempo, quer permanecer na resposta como esse giro da questão que a resposta pára, para interromper o movimento e proporcionar o repouso. Somente a resposta, respondendo, deve retomar em si a essência da questão, que não é extinta por aquilo que lhe responde. (BLANCHOT, 2010: 44)

A questão pede resposta. Calar diante dela, ou passar rapidamente por ela, parece a oferta do farto banquete, que alimenta e inflama a lógica que a torna uma questão para nós. Assim como também há o enorme risco de responder à questão e, com isso, dissolver suas possibilidades e aberturas que a façam mote de problematização e posicionamento ético-político. Nesse sentido, Benjamin (1987b: 200) parece inserir o trânsito entre questões e respostas nas possibilidades de narrar experiências e, com isso, ofertar “conselhos”, através dos modos como se fala do que se vive:

O narrador é um homem que sabe dar conselhos. Mas, se 'dar conselhos' parece hoje algo de antiquado, é porque as experiências estão deixando de ser comunicáveis. Em consequência, não podemos dar conselhos nem a nós mesmos nem aos outros. Aconselhar é menos responder a uma pergunta que fazer uma sugestão sobre a continuação

¹¹ Atualmente, é comum encontrarmos aplicativos de celular que prometem melhorar a qualidade do sono através do ruído branco. A atuação do ruído branco faz com que nossas células ciliadas – responsáveis por detectar sons de alta frequência – permaneçam ativas durante a exposição a este sinal sonoro. Um melhor sono é produzido com aumento da atividade celular, mas se isso for aplicado todas as noites por um período prolongado pode levar a danos nestas células (BBC, 2017).

de uma história que está sendo narrada. Para obter essa sugestão, é necessário primeiro saber narrar a história (sem contar que um homem só é receptivo a um conselho na medida em que verbaliza a sua situação).

De certo que os conselhos de que fala Benjamin não são propriamente aqueles conselhos que costumam ser proferidos por certos “respondedores” profissionais de questões, ou a prescrição apressada e esperada quando se pede um jeito para a falta de jeito em lidar com estes tempos. Trata-se muito mais de multiplicar as possibilidades de sentidos do que a questão sugere, através do contato com aquilo que se vive, das histórias daquilo que nos toca, nos passa e nos acontece.

Por isso, é importante que não abandonemos a ideia de “produtividade” trazida na questão da residente do PRU: ela é parte da história contada e não deixa de falar também da produção da vida, de modos de vida, que podem ser entendidos também para além da forma produtivista que nos é exigida e imposta. Afinal, qual é a história daquela questão para que ela se faça questão, justamente nestes tempos virulentos? Como estamos narrando nossas experiências e vivências no encontro com os assombros destes tempos?

Pausa de mil compassos

Nas fissuras expostas pela pandemia, mais do que nunca, uma condição *logada* passou a ser solicitada como forma de dar respostas que ajudassem a aliviar o desassossego da experiência de quebra que este tempo tem trazido para a maioria das pessoas, ainda que não para todas. Fez-se premente um apelo ao *logos*, para arrumar “jeito” para “a falta de jeito”, com a qual tem sido possível nos separar nestes lugares e tempos fissurados. E isso é muito plausível. Afinal, quem, deliberadamente, deseja/desejou permanecer no estado de quebra e de ameaça constante?

Nesse cenário, algumas imagens foram ganhando relevo, nos acionando e sendo acionadas, trazendo questões-nós, que se fazem mote de problematização e análise das formas como temos vivido. Essas imagens foram se mostrando como pedaços, por vezes, pontiagudos, que gestam forças para pensar as fraquezas e fantasmas a que estamos expostos em meio, nas e com as falhas da condição *logada*.

Com assombro, desassossego e desejo, aqui, as questões-nós do ser gente-aprendente-profissional na universidade seguem pedindo espaço, nas espreitas com dEg, que lembram a possibilidade/necessidade de pensar como e para que queremos ser produtivos nestes tempos, sob o alerta do risco de cairmos nas armadilhas das dicotomias, que podem nos levar a ficar só na pergunta ou só na resposta. Esse não parece um posicionamento ético, situado na vida que temos.

Talvez, tanto acatar quanto ignorar de imediato a questão sejam riscos que rondem a condição *logada*, de não saber/querer transitar na fissura da questão. São as interrupções dos fluxos automáticos, como as destes tempos virulentos, que, praticamente, obrigam-nos a olhar para as fissuras em que estamos. Ainda que o contato com elas nos assombre, são as fissuras que também podem levar a pausas no argumento pronto, abrindo espaço para gestar um outro tipo de contato com o que estamos vivendo, não tragado pela aceleração, que tende a reduzir a vida à esfera do utilitarismo produtivista-consumista, lembrando Krenak (2020), em seu texto-protesto “A vida não é útil”.

Mesmo sinalizando que o longo processo de desenvolvimento de tecnologias que enche a humanidade de orgulho também “encheu os rios de veneno”, Krenak

(2020) não se conforma a uma visão fatalista e nos parece querer habitar as questões urgentes de nosso tempo na direção de uma espécie de suspensão. Para o filósofo, “temos que parar de nos desenvolver e começar a nos envolver” (KRENAK, 2020: 24). Envolvimento que, necessariamente, afirma precariedades e inutilidades ao propor a própria existência como fruição, como uma dança cósmica que tentamos reduzir “a uma coreografia ridícula e utilitária” (*idem*: 108). Ao propor a coragem de não mais barganhar a sobrevivência e sermos radicalmente vivos, a insistência na utilidade ou não da existência se coloca como secundária. Como nos sugere este filósofo:

Se quisermos, após essa pandemia, reconfigurar o mundo com essa mesma matriz, é claro que o que estamos vivendo é uma crise, no sentido de erro. Mas, se enxergarmos que estamos passando por uma transformação, precisaremos admitir que nosso sonho coletivo de mundo e a inserção da humanidade na biosfera terão que se dar de outra maneira. Nós podemos habitar este planeta, mas deverá ser de outro jeito. Senão, seria como se alguém quisesse ir ao pico do Himalaia, mas pretendesse levar junto sua casa, a geladeira, o cachorro, o papagaio, a bicicleta. Com uma bagagem dessas, ele nunca vai chegar. Vamos ter que nos reconfigurar radicalmente para estarmos aqui. (KRENAK, 2020: 44)

Krenak (2020) nos convida a estarmos aqui reencantando o nosso cotidiano, habitado como uma extensão do sonho, da atividade onírica indissociável da vida em vigília, entendido como uma instituição. É através do e no sonho que podemos aprender diferentes linguagens, que tecem outras relações conosco e com o nosso entorno.

Trazendo nacos de sonhos para as tentativas de “Resposta ao tempo”, percebemos que o tempo dura, “pois não sabe ficar”, e nisso, deEg trazem, em alguns goles, a possibilidade de “embriaguez” na suposta sobriedade produtivista, multiplicando sentidos, viabilizando condições de trânsito entre as fissuras da condição *logada*. Entendemos como importante e necessário transitar por elas, para ensaiar respostas que mantenham vivas as questões que se mostram, para que nos mantenham vivos, com todas as marcas, exposições e fraquezas que fissuram a tão intencionada “Zona Hermética”, na qual tanto se insiste em encaixotar a vida, principalmente, nas situações em que parecer haver algo forte demais para ser suportado.

Em seus singulares compassos, a música “O Bêbado e a Equilibrista”¹² nos ensina sobre a esperança, que “dança na corda bamba de sombrinha e em cada passo dessa linha pode se machucar”. A esperança é afeto triste na filosofia de Espinoza, posto que diminui a potência do encontro, pela alucinação de algum tipo de correspondência entre o que acontece e o porvir almejado. Então, ao se equilibrar em seu fazer, que comporta o azar, põe-se como a ciência de continuar a tecer a vida artesanalmente com os fragmentos de sonhos, que ultrapassam dores pungentes. A esperança equilibrista e o bêbado trajando luto fazem “irreverências mil” e zombam, tal qual o tempo, da realidade virulenta e violenta de nossa condição *logada*.

Nessa “falta de jeito” em olhar para o tempo, o Bêbado, o tempo zombeteiro e a esperança equilibrista nos fornecem pistas para uma política do olhar que ultrapasse os nossos ensimesmamentos, e que se faça por uma condição precária. A aposta aqui é em um modo de olhar que trabalha na e pela insuficiência, carregado em forças para possibilidades de encontro. Olhar que não se basta e que, no encontro, pode potencializar ainda mais a parcialidade do seu alcance. Longe de

¹² Música de Aldir Blanc e João Bosco (1979).

ser um olhar que decodifica o “visto”, o olhar precário, anterior a toda normatização instrumental do olho, nos sinaliza para as condições dos modos de ver e lidar com o que se faz e/ou se quer verdadeiro (LOPES, MADEIRO e SILVA, 2011).

Um olhar quase sempre em desencontro e que se volta para a vida que temos, que produzimos e na qual nós produzimos. Um olhar que tateia disposições para lidar com o que nos toma de sobressalto, que não cabe nas intenções e nem compreensões *a priori*, mas que também se faz com elas. É olhar para essa vida que se faz pelo que nos toca, nos passa e nos acontece; pelas tentativas de nos situarmos na produção de sentidos ou na falta de sentido dela (LOPES, MADEIRO e SILVA, 2011; LARROSA, 2014).

E, assim, lidar com as fissuras expostas e impostas por cada questão, por cada momento e por cada trecho de vida é, necessariamente, produzir “goladas” para que não sejamos engolidos. Como nos lembra o poeta, “nacos de sonhos” nos dizem que “há temporalidades múltiplas naquilo que vivemos”, nas quais podem se produzir respostas que mantenham viva a questão e a própria vida. É preciso se dispor a chegar ao “último copo” todos os dias, ou, pelo menos, tentar, ensaiando uma “Resposta ao tempo”, que faça a conversa seguir, promiscuamente, impregnada da vida em sua cambaleante e equilibrista experiência.

Recebido em 28 de maio de 2023.

Aprovado em 1 de agosto de 2023.

Referências

- BARROS, Manoel de. “Zona Hermética”. In: BARROS, Manoel de. *Poesia completa*. São Paulo: Leya, 2010. pp. 82.
- BBC News Brasil. O que é o ruído branco e como ele pode influenciar o sono. 21 de julho de 2017.
- BENJAMIN, Walter. “Experiência e pobreza”. In: *Magia, técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1987. pp. 114-9.

- BENJAMIN, Walter. “O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”. In: *Magia, técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Editora brasiliense, 1987b. pp. 197-221.
- BLANCHOT, Maurice. “A questão mais profunda”. Tradução de Aurélio Guerra Neto. In: *A conversa infinita*. São Paulo: Escuta, 2010. pp. 41-61.
- BLANC, Aldir; BASTOS, Cristóvão. “Resposta ao tempo”. In: NANA Caymmi. *Resposta ao tempo*. EMI Music, 1998.
- BLANC, Aldir; BOSCO, João. “O bêbado e o equilibrista”. In: ELIS Regina. *Essa mulher*. Wea Latina, 1979.
- BRUM, Eliane. “Quando o vírus nos trancou em casa, as telas nos deixaram sem casa”. *El País*, Opinião, São Paulo, 2020.
- CRARY, Jonathan. *24/7: Capitalismo tardio e os fins do sono*. São Paulo: Ubu, 2016.
- DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *O abecedário de Gilles Deleuze*. Entrevista com Gilles Deleuze. Transcrição integral do vídeo para fins exclusivamente didáticos. 2008.
- DELEUZE, Gilles. “A filosofia e a literatura”. In: *Crítica e clínica*. São Paulo: Ed 34, 1997. pp. 11-16.
- DELEUZE, Gilles. “Pós-scriptum sobre as sociedades de controle”. In: *Conversações*. São Paulo: Ed 34, 1992. pp. 219-26.
- DELEUZE, Gilles.; GUATTARI, Félix. “As máquinas desejanter”. In: *O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Ed. 34, 2010. pp. 11-71.
- GALVANIZAÇÃO. In: *Dicionários Porto Editora*. Lisboa: Infopédia, 2021.
- GOLADA. In: *Dicionário da Língua Portuguesa*. Lisboa: Priberam Informática, 2021.
- KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- KRENAK, Ailton. *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, 19 (1): 20-28, 2002.
- LARROSA, Jorge. “Ferido de realidade e em busca de realidade: Notas sobre as linguagens da experiência”. In: *Tremores: escritos sobre a experiência*. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. pp. 73-122.
- LIMA, João Gabriel; BAPTISTA, Luís Antônio. Itinerário do conceito de experiência na obra de Walter Benjamin. *Princípios: Revista de Filosofia*, 20 (33): 449-484, 2013.
- LINS, Daniel. “O último copo: álcool, filosofia e literatura”. [S. l.]: Canal Agenciamentos Contemporâneos, setembro de 2021. 01 vídeo (1h:16min). [Live]. <https://www.youtube.com/watch?v=RAu148_YpG4&t=2490s>.
- LOPES, Kleber Jean Matos; MADEIRO, Elen Naiara Batista; SILVA, Jameson Thiago Farias. Ontologias do ver na atualidade: que pode um olhar precário. *Fractal: Revista de Psicologia*, 23 (2): 389-403, 2011.

NEVES, Cláudia E. *Abbês Baeta. Interferir entre Desejo e Capital*, Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2002.

STIVANI, Mirella. O que é bug? Entenda a origem da palavra e conheça exemplos. *Tech Tudo*, 21 de janeiro de 2019.

UFS. Universidade Federal De Sergipe. Resolução 43/2013/CONSU. Dispõe sobre o funcionamento do Programa Residência Universitária. *Portal UFS*, Aracaju, 2022.

UFS- UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE. Protocolo de Biossegurança Institucional da UFS. *Portal UFS*. São Cristóvão, 2021.

VIOLA, Paulinho. “Para ver as meninas”. Intérprete: Marisa Monte. In: *Memórias, crônicas e declarações de amor*. Phonomotor Records/EMI, 2000.